

BALDE BRANCO

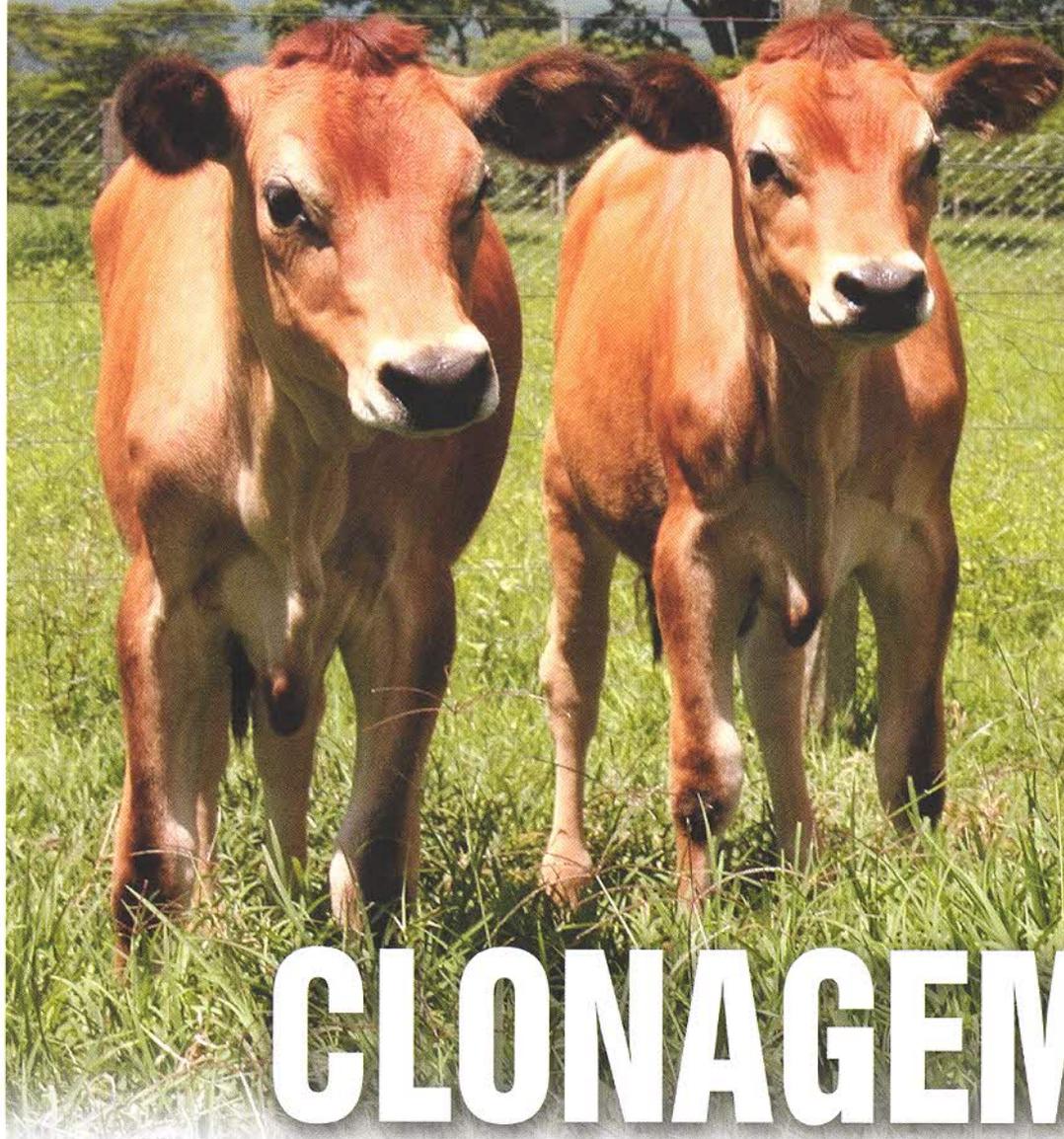
ENTREVISTA
JOÃO HENRIQUE VIANA
e a pesquisa sobre reprodução

Quantos são os produtores de leite no Brasil?

Custos de produção e a definição da rentabilidade

Empregados capacitados e comprometidos: veja como tê-los

Ordenhadeiras: dicas para não ter prejuízos na hora da compra



CLONAGEM

com registro abre espaço nos rebanhos leiteiros. Com isso, a genética top amplia as possibilidades de reprodução e garante continuidade no aproveitamento de fêmeas excepcionais



ARTUR CHINELATO

A FAMÍLIA AUMENTOU

A Faerj-Federação da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, juntamente com o Senar e o Sebrae do Estado, mais o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e a Fundação Procafé, sob a coordenação do eng. agrônomo Hugo Siqueira, do Senar, tomando por base a metodologia, os conceitos, os princípios e a seriedade do Projeto Balde Cheio, iniciou o mesmo tipo de trabalho com a cultura

do café, batizando o projeto com o sugestivo nome de Bule Cheio.

Não entendo nada de café, mas mesmo assim aceitei o convite para visitar uma das propriedades participantes: o Sítio Lajinha. A propriedade pertence a Luiz Carlos Teixeira, sua esposa Luzia de Fátima, os filhos Saulo Luiz, Cristóvão José, Vitor Licínio e Maria Carolina, além da mãe do produtor, Dona Jorcirene. Fica na localidade de Onça dos Coimbras, distrito de Santa Clara, município de Porciúncula-RJ. Lá, o responsável técnico pela unidade de demonstração é o agrônomo Luciano Rezende Monteiro, tendo como instrutores o também agrônomo José Braz Matiello, da Fundação Procafé, um especialista no assunto, e o técnico em agropecuária José Ferreira Pinto, agente agropecuário do Ministério da Agricultura e exímio produtor de café há mais de 40 anos.

De início, foi realizado um levantamento da situação encontrada na propriedade no sentido de estabelecer um ponto de partida. O estado das benfeitorias, área de cada talhão de café, produtividade gleba por gleba, além da condição de vida da família do produtor serviram como diagnóstico.

Da área total de 45 ha da propriedade, 16 ha eram destinados à cultura do café arábica (11 ha em produção e 5 ha em formação). Para o levantamento foi usado o GPS (*Global Positioning System*, em inglês, ou Geo-Posicionamento por Satélite, em português), e a área dividida em 20 talhões de tamanhos diferentes foi mensurada. Relacionei os diferentes talhões, como se fossem 20 vacas leiteiras. O número de plantas, a idade das mesmas, as variedades plantadas de café arábica, a condição fitossanitária dos pés de café e a produtividade também foram auferidos.

A partir do diagnóstico, diferentes tratamentos foram estabelecidos para cada talhão com adubações, controles de plantas invasoras, manejos e combate às pragas. A experiência dos instrutores, o interesse em aprender e o comprometimento do técnico responsável, além, evidentemente, da vontade do produtor em mudar de vida, foram, são e serão os ingredientes indispensáveis a qualquer trabalho de transferência de tecnologia e extensão rural.

As informações sobre cada talhão de café passaram a ser coletadas e analisadas, bem como dados climáticos, chuvas (ocorrência e quantidade) e temperaturas mínimas e máximas diárias. As despesas foram anotadas em planilhas especificamente definidas para o trabalho, bem como as receitas oriundas da venda do café.

Diferentes tipos de poda foram propostos: decote, esqueletamento e recepa. Para convencer o produtor, algumas plantas foram esqueletadas, a fim de se demonstrar os resultados. A partir da visualização dos efeitos da aplicação do conhecimento, o produtor, motivado e confiante, decidiu por tratamentos diferenciados de acordo com a situação de cada talhão.

Traçando um paralelo com o Projeto Balde Cheio, demonstramos o que a planta forrageira adubada e bem manejada é capaz de fazer pela propriedade leiteira e, depois de ver os resultados, o produtor decide em quanto deseja ampliar a área trabalhada. Novos plantios também foram apresentados como solução para as glebas sem condição de recuperação e em algumas áreas onde houve necessidade de plantio, este foi feito com variedades adequadas ao microclima da região, além do adensamento.

Aqui a analogia com a pecuária leiteira é o descarte de vacas e a aquisição de novas matrizes para compor o novo rebanho. É

evidente que a diferença entre as duas atividades, café e leite, está no tempo. No leite as decisões são avaliadas rapidamente, pois a colheita dos resultados é diária, enquanto no café, a avaliação do efeito da tecnologia aplicada será executada apenas na colheita anual.

Os resultados obtidos com o Projeto Bule Cheio comprovam a qualidade do trabalho: na safra 2008/2009 em área de 11 ha foram colhidas 220 sacas de café. Na safra 2010/2011 na mesma área, a colheita foi de 370

sacas e mais 140 sacas na área que estava em formação. Não comparei com a safra 2012/2013, visto que a área ocupada pela cultura do café passou de 16 para 20 ha.

Na safra 2008/2009 praticamente não sobrou nada de dinheiro para o produtor, e seus filhos tinham em mente deixar a propriedade em busca de novas oportunidades na cidade. Na safra 2010/2011 a margem bruta (receita menos despesa operacional) foi de R\$ 63.779, o que equivale a pouco mais de R\$ 5.000 mensais. Com esse resultado seus filhos não só desistiram de ir embora do sítio como almejam ampliar o cafezal.

No entanto, o resultado mais expressivo foi a recuperação do irmão do produtor que, sem perspectiva de vida, estava se acabando na cidade. O Sr. Luiz Carlos, com a abertura de novas áreas, convidou o irmão para conduzir um novo talhão com cerca de 14.000 plantas num sistema de parceria. Aceito o convite, o irmão passou a ter um trabalho, um futuro, e o sonho de comprar um pedaço de chão e ter sua própria lavoura de café. Para não deixar passar batido, a colheita na safra 2012/2013 foi de 936 sacas.

Adquiriu desde o início do trabalho equipamentos novos como brocas para a abertura de covas, compressor para pulverização de defensivos, galpão para secador coletivo de café (como se fosse o tanque de expansão coletivo na pecuária leiteira) e despoldador. Pretende ainda construir um novo galpão e mais um terreiro de café, além da montagem de um secador próprio. O Senar-RJ ministrou vários cursos na localidade, como, por exemplo, o curso de aplicação de defensivos agrícolas e uso de EPI (equipamento de proteção individual), mostrando o correto manuseio de defensivos agrícolas e a forma adequada de aplicação dos mesmos. A propriedade incorporou os ensinamentos à rotina.

Na lavoura, pretende continuar a renovação de talhões antigos por plantios adensados com variedades de maturação precoce e tardia, facilitando a colheita, buscando também o plantio de variedades resistentes às pragas e às doenças. Devido ao terreno acidentado e para evitar a erosão quer implantar mais caixas de retenção de água.

Quanto ao preço do café estar aquém do desejado no momento atual, ponderar a mim que é nessa hora que se separa os homens dos meninos. Enquanto vários produtores estão arrancando seus pés de café, eles se esmeram nos cuidados com o cafezal, pois quando o preço melhorar devido à queda na oferta, eles terão o produto para vender a um preço recompensador. Qualquer semelhança com a pecuária leiteira não é mera coincidência.

Fiquei feliz e agradecido pela visita à unidade demonstrativa em Porciúncula-RJ e esperançoso de ver essa mesma metodologia sendo aplicada a outras culturas e criações. Para que isso aconteça será necessário o apoio de instituições públicas, empresas privadas e o surgimento de outros Lucianos, Hugos, Matiellos e Ferreiras. Produtores de todos os tipos de lavouras e criações, dispostos a arregaçar as mangas e mudar os destinos de suas vidas, garanto que existem aos montes. Gostaria de ver crescer a família "Cheio", só esperando que no caso das culturas cuja produção é medida em sacos, o nome do projeto não leve em conta tal fato. Vide o exemplo do Bule Cheio. ■

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP; e-mail: artur.camargo@embrapa.br.